

O JARDIM DO CHÁ: UM CAMINHO PARA A ILUMINAÇÃO

Amanda Murino Rafacho

RESUMO: Na cultura japonesa, o jardim é uma das mais elevadas formas de arte. É a transposição da essência da natureza circundante para uma pequena porção de espaço, onde o arranjo de pedras e plantas atinge não só os sentidos, mas também a mente do visitante. Muito influenciados pelo Zen Budismo, princípios como assimetria, simplicidade, maturidade, naturalidade, e serenidade, norteiam os projetos dos jardins japoneses. Existem diferentes tipos de jardim, sendo que cada um tem sua simbologia própria. Um deles é o Jardim do Chá. A partir do século XII, com a chegada do chá verde no Japão e baseada no taoísmo e na filosofia Zen surgiu a Cerimônia do Chá. A partir de então, a Casa do Chá tornou-se o maior elemento nos jardins japoneses e, o jardim, o percurso introdutório a essa cerimônia. O caminho para a Casa do Chá deve ser atravessado lentamente, para dar aos participantes a sensação de paz e de se estar entrando em outro mundo. É um lugar de passagem do mundo exterior para o interior, evocando simplicidade, naturalidade e, além disso, a tranqüilidade e introspecção exigidas pela cerimônia. O jardim do chá é um convite à iluminação e a preparação da alma para a vivência da cultura japonesa.

Palavras-chave: jardim japonês; cerimônia do chá; jardim do chá.

ABSTRACT: In the Japanese culture, the garden is one of the most elevated art expressions. It is the transposition of the essence of the surrounding nature to a minor portion of space, where the stones placement and plants stimulate not only the senses, but also the visitor's mind. Vastly influenced by Zen Buddhism, principles as asymmetry, simplicity, maturity, naturalness and serenity are the main guidance for projects of Japanese gardens. There are many different styles of garden and each one has its own symbology. One of them is the Tea Garden. Since the 12th century, with the arrival of the green tea, the tea ceremony became part of the Zen philosophy. The Tea House becomes the major element of the Japanese gardens, and, the garden, is the introductory path to this ceremony. The path to the Tea House must be walked slowly to provide peace sensation for the participants while entering in another world. It is a passway from the external world to the inner world, evoking simplicity, naturalness and also the qualities of serenity and introspection, essential for the tea ceremony. The Tea Garden is an invitation to enlightenment and preparation of the soul to experience the Japanese culture.

Key words: Japanese garden; tea ceremony; tea garden.

Introdução

A cultura japonesa é repleta de rituais e atividades que transmitem toda a dedicação e riqueza de suas crenças. Uma delas é a arte do jardim, considerada por eles uma importante forma de expressão.

A intenção do jardim é enfatizar e ressaltar a natureza através da criação de espaços que sejam a tradução ou interpretação do ambiente natural. Entretanto, sempre apresenta algum elemento que indique a interferência humana na paisagem, como por exemplo, as lanternas japonesas. Cada parte do jardim possui um significado, e sua composição garante o cumprimento da razão de sua existência.

Independente da forma de composição, o jardim transmite a simbologia da cultura japonesa, e vai além dos aspectos visuais do espaço. As plantas são combinadas com a vida espiritual e física do povo japonês.

“O jardim japonês não é apenas um lugar para o cultivo de árvores e arbustos florescendo, mas um lugar que forneça lazer isolado, descanso, repouso, meditação, e sensação de prazer... O Jardim fala para todos os sentidos, não apenas para a mente sozinha” afirma Takuma Tono, professor e designer na Sociedade do Jardim Japonês de Portland, Eua.

Entre as diferentes configurações do jardim japonês, este trabalho tem como foco principal o Jardim do Chá, e sua relação com a cerimônia propriamente dita.

O jardim japonês

A arte do jardim japonês começou há milhares de anos com a criação de áreas cobertas com seixos nas praias ou florestas criadas para cerimoniais honrando espíritos vindos do céu ou do além mar. Com o passar do tempo transformaram-se em lugares para a locação de santuários Shinto¹, e a ser implantados em antigas casas de aristocratas como forma de contemplação.

No período Nara (646-794 AD²), quando o comércio com a China começou a se desenvolver mais seriamente, os jardins sofreram grande influência das práticas chinesas de jardinagem. Nesse momento, representavam um local de prazer e divertimento para os aristocratas, como uma forma de lazer contemplativo, e espaço para realização de eventos como recitais de poesia e torneios de arco e flecha.

Entretanto, foi no período Heien (794-1185 AD) que apareceram as principais mudanças na configuração dos jardins, dando origem ao estilo *Shinden*, cuja forma era ditada por lendas e mitos oriundos da cultura chinesa. A presença de um lago e uma ilha eram importantes características desse estilo.

Havia a intenção de se criar um jardim com diferentes aspectos de acordo com a estação do ano. Sendo assim, as cores e o período de floração eram importantes requisitos para escolha das plantas. Representavam a natureza com lagoas artificiais, pedras e vegetação.

Com a influência do Zen Budismo, os jardins começaram a ser vistos como local apropriado para meditação. Características da filosofia Zen passaram a ser

transmitidas para a composição dos jardins, dentre elas: naturalidade, profundidade, tranqüilidade, simplicidade, austeridade e, além disso, a maturidade que vem com a idade e o tempo.

Essas características foram transpostas para o desenho do jardim através da assimetria, preferência pela imperfeição e por números ímpares, fuga do artificial ou *shakei* (cenário emprestado), técnica de esconder e revelar, ou *miegakure*, escondendo parte do todo para alcançar profundidade com mistério. E os elementos mais usados passam a ser pedras, água, grama, e a constância do mesmo aspecto visual do jardim durante o ano todo.

Tais conceitos alcançaram seu ápice nos períodos Muromachi e Higashiyama (1392-1573 AD) quando os jardins continham apenas pedras, e o estilo *Karesansui* (que significa seco – montanha – água), ou jardim seco (Figura 1), foi criado.

A água é substituída por pedriscos e cascalhos rastelados, sendo que cada desenho possui um significado característico. Além disso, o arranjo de pedras também passa a ser significativo, representando montanhas, pontes, e até mesmo o Buddha, de acordo com a composição do jardim. Esse jardim, não é para ser caminhado, e sim para ser explorado mentalmente.

Outra influência da filosofia zen nos jardins é no *Chaniwa*, ou jardim do chá (Figura 1), cujo percurso de entrada é o elemento principal para levar à cerimônia.



Figura 1. Jardim Chinsen, Jardim Seco (Karesansui), e Jardim do Chá.

Fonte: <http://phototravels.net/japan/photo-gallery/japanese-rock-gardens.html>

O jardim deixa de ser estritamente contemplativo, para se tornar um ambiente a ser percorrido. Busca criar uma paisagem de montanha, e seu desenho deve ser caminhado lentamente induzindo o visitante à interiorização e à reflexão.

Os principais elementos presentes nos jardins japoneses são: Momiji-Gari ou Acer vermelho; Sakura, ou cerejeira ornamental (flor da felicidade); lanternas (*Toro*); pedras e/ou rochas; carpa (*Koi*) e/ou tartaruga; água (como cascata ou lago); caminho de pedra (*Tobi Ishi*); e ponte (*Taiko Bashi*).

Tais elementos estão presentes nos diferentes tipos de jardim, e o arranjo destes elementos simbólicos e visuais cria a peculiaridade e riqueza de cada paisagem.

A Cerimônia do Chá

A cerimônia do chá, conhecida como “*chanoyu*”, é uma atividade tradicional no Japão, mas também realizada em outros países asiáticos como China e Coreia, que se caracteriza por servir e beber o chá verde pulverizado, chamado de “*matcha*”

O chá verde foi introduzido no Japão, no século XII (por volta de 1200 AD), pelos monges Zen budistas que o utilizavam durante as práticas de meditação. A presença do chá passou a ser incorporada pela filosofia zen, dando origem ao ritual da Cerimônia do Chá, síntese da cultura e essência da arte japonesa.

A cerimônia levou ao desenvolvimento das casas e salões do chá (*sukiya*) durante o período Muromachi (1333-1573) e Momoyama (1573-1600). O mestre do chá que desenvolveu a cerimônia, como é realizada até os dias de hoje, foi Sen-no-rikyu, sendo classificada por ele como *wabicha* (chá rústico). Anteriormente a cerimônia continha outras regras, e era realizada como atividade artística acompanhando a observação de pinturas e obras de arte.

Os quatro elementos básicos do espírito da cerimônia e do caminho do chá são: harmonia, respeito, pureza e tranquilidade, e constituem a base do ritual



Figura 2. Utensílios da cerimônia do chá.

Fonte: <http://www.43places.com/places/view/439543>

<http://www.acbj.com.br/alianca/palavras.php?Palavra=165>

representando seu maior ideal. Tais princípios são dirigidos à totalidade da existência e não somente aos momentos vividos durante a cerimônia (Oliveira: 2003).

A cerimônia se inicia no percurso até a casa do chá. Para que a quietude e a concentração exigidas pela cerimônia pudessem ser encontradas por todos os participantes, o jardim foi desenvolvido ao redor da casa, os conduzindo até a Casa do Chá, onde a cerimônia é realizada.

Além de estar em processo meditativo e com a mente em plenitude, os convidados devem estar com as mãos e bocas purificados no *tsukubai* (bacia de pedra) como um ritual de limpeza, preparando o corpo e o espírito para a cerimônia.

O nome *tsukubai* deriva do verbo “*tsukubau*” que significa agachar. A bacia é posicionada de forma que o visitante se abaixe para se purificar. Após a purificação, os visitantes seguem em fila única para a entrada da casa (*nijiriguchi*), uma porta quadrada muito pequena, a qual os convidados são forçados a se agachar para passar. Este movimento representa um ato de humildade, bem como uma demonstração de que todos os participantes são iguais perante a Cerimônia do Chá.

A cerimônia envolve gestos específicos no preparo, e na maneira de beber o chá. A posição do corpo, a forma de segurar a xícara (*cha-wan*), enfim, tudo é realizado com muita atenção e concentração. É uma atividade que envolve não só os significados subjetivos do ritual como também aspectos formais de postura, caracterizando os movimentos realizados. Durante muito tempo, as famílias levavam as moças (futuras esposas) às cerimônias para adquirirem a elegância transmitida por ela.

O tempo de duração é, em média, de quarenta minutos, mas pode levar até quatro horas para ser encerrada.

A cerimônia do chá “*chanoyu*” desempenha um importante papel na vida artística do povo japonês. Como atividade estética, ela envolve a apreciação do cômodo onde é realizada, o jardim a ele contíguo, os utensílios utilizados no servir do chá, e a decoração do ambiente, como um rolo suspenso ou um “*chabana*” (arranjo floral para a cerimônia do chá).

O jardim

A composição do jardim do chá tem relação direta com a cerimônia. Enquanto os outros tipos de jardim japonês focam a contemplação, o jardim do chá tem como principal objetivo o caminhar. Devido a isso também é chamado de *tea roji*, sendo que *roji* significa caminho (ou corredor). A palavra é também encontrada no Sutra de Lótus³, no qual há uma alegoria comparando o mundo profano a uma casa em chamas, e o mundo puro ao *roji*, onde a iluminação pode escapar das chamas.

Para que os convidados entrem em sintonia com o estado mental exigido para o ritual, o jardim é dividido em três partes: exterior (jardim *soto roji*), intermediário, e interior (jardim *uchi roji*).

Ao adentrar o jardim, os convidados passam por um portão externo (*sotomon*) representando a separação entre o jardim e o mundo exterior. Esse portão possui sete varas verticais, representando o céu (o número sete), e seis espaços representando a terra (o número seis). Um dos princípios da cerimônia, presente no jardim, é a transposição da realidade em que se vive, para um mundo além. Dessa forma, a existência de portões, caminhos estreitos e serpenteantes representam essa passagem.

Os caminhos são de pedra (*tobi ishi*), e é comum o uso de materiais reutilizados, vindos de uma antiga construção ou escavação, como por exemplo, o uso de pedras de um moinho. A intenção de se usar materiais vindos de outras construções é uma forma de treinar o olhar dos visitantes para a estética Zen, a qual valoriza a sobriedade adquirida com o tempo, e a naturalidade.



Figura 3. Segundo portão (chūmon).

Fonte: [HTTP://www.hakone.com/gardens/tea.html](http://www.hakone.com/gardens/tea.html)

Após passar pelo primeiro portão, os convidados caminham lentamente pelo jardim, seguindo o desenho do percurso. Em alguns casos, mais de um caminho é delimitado, e existe uma marcação indicando que determinado caminho não pode ser seguido. Isso é indicado pela locação de uma única pedra redonda de rio amarrada a uma corda.

Seguindo o percurso, há um banco de madeira (*koshikake machiai*) coberto (figura 4), onde os convidados permanecem sentados absorvendo as qualidades estéticas e sensitivas transmitidas pela paisagem.

O próximo portão a ser atravessado é o portão do meio (*chūmon*) (figura 3) localizado entre o portão exterior e casa de chá. Essa porção do jardim representa a exata separação entre os dois mundos. O portão tem desenho simples, sendo composto apenas por uma trama de bambu sem acabamento, respondendo à simplicidade da estética Zen.



Figura 4. Os principais elementos: Tsukubai (bacia de água), *ishidôrô* (lanterna de pedra), caminho de pedras e machiai (local de espera).

Fonte: http://www.lightight.com/GGP/gar_images/Gar3P04.html

Livro *The Art of Japanese Garden*

<http://www.hakone.com/gardens/tea.html>

Seguindo o percurso do jardim, os convidados encontram um pedestal onde está localizada a bacia de água (*tsukubai*) (figura 4) para o ato de purificação.

O jardim segue envolvendo a casa de chá, e não deve apresentar aspecto extravagante para não distrair a atenção dos convidados. Devido a isso, as plantas escolhidas devem estar em harmonia com a calma e sobriedade da cerimônia.

A lanterna de pedra (*ishidôrô*) (figura 4) está presente nesse jardim para iluminar e direcionar o percurso do visitante. Todas as lanternas têm os mesmos elementos básicos: telhado grande, um compartimento aberto, e três ou quatro pernas. A simplicidade é adquirida pela textura rústica da pedra.

Outra característica importante do jardim é presença da técnica *miegakure* (esconder e revelar). Pela composição de caminhos de pedra, bacias, lanternas e

plantas, os participantes têm uma série de “pequenas visões” em constante mutação, as quais os convidam a entrar em um estado de meditação que os conduzirá a cerimônia.

A vegetação

A palavra *roji* foi designada pelos mestres do chá com o significado de “solo úmido” ou fresco. Por isso, antes da chegada dos convidados, o jardim recebe tratamento de irrigação para transmitir a sensação de umidade e frescor. A atmosfera de caminho com profundidade e clima de montanha é alcançada pela mistura de musgos, árvores perenes, arbustos e em alguns casos, bambus.

As espécies mais comuns no jardim são: Ginkgo Biloba, Ligustro, Bambuzinho-de-Jardim, Pinheiro-Negro (e outras espécies de pinheiro), Junípero, Buxinho (Figura 5), entre outras.

As flores são evitadas, para não interromper a sensação de austeridade que é própria da estética Zen. O plantio no jardim é plano e modesto, combinando tonalidades e texturas diferentes, mas sempre mantendo uma linguagem sóbria e que transmita tranquilidade. Devido a isso, em alguns jardins também existe a presença da água.

Normalmente, o jardim do chá faz parte de um jardim maior, sendo um mundo a parte de onde está inserido, não só pelas demarcações físicas, como também pela mudança na composição e cores da vegetação, onde o a presença do verde é preponderante.



Figura 5. Da direita para esquerda: superior Ginkgo Biloba, Ligustro, Bambuzinho de jardim; Inferior: Ligustro, Pinheiro-Negro e Buxinho.

Fonte: Google Images

Considerações Finais

É possível afirmar que o jardim é um dos principais elementos que compõe a Cerimônia do Chá, sendo que ele prepara o visitante e cria a atmosfera propícia para sua realização.

Ambos fazem parte da estética Zen transmitindo coerência entre imagem e crença. A cerimônia e a configuração do jardim do chá evidenciam a relação entre objeto e significado de forma clara e precisa, representando a principal característica da cultura japonesa. Por isso, atinge não só o olhar, como também a mente do visitante.

A composição da paisagem e os ritos da cerimônia são um ato de elegância, revelando a dedicação que os japoneses têm com suas crenças, e principalmente perante o seu passado.

A cerimônia e o jardim se fundem, sendo que um se aprimorou através do outro. O estilo do jardim corresponde à cerimônia, e o estado mental alcançado para sua realização se deve ao ambiente e ao percurso criado pelo jardim.

Portanto, a importância do jardim para a cerimônia do chá é primordial. É a preparação da mente, e um estímulo à interiorização.

O jardim japonês, especificamente, o do chá, é uma das maiores representações da arte de se desenhar a paisagem. E além disso, da importância do jardim para sensibilização e contato do homem não só com a natureza, mas também consigo mesmo.

Notas

1. É a tradicional religião do Japão, e tem uma grande relação com deuses e a natureza.
2. AD (Anno Domini) é uma expressão utilizada para marcar os anos seguintes ao ano 1 do calendário utilizado no Ocidente, designado como “Era Cristã” ou “Era Comum”.
3. Sutra de Lótus é um dos escritos mais importantes do budismo, contendo a Lei da Vida.

Referências Bibliográficas

ASSOCIAÇÃO BRASILIENSE DE AIKIDO (nonatto@click21.com.br). *Cerimônia do Chá*. Brasília/ DF:2005. Disponível em: <<http://bukaru.zevallos.com.br/Cha.htm>> Acesso em: 24/10/2007.

HOLY MOUNTAIN TRADING COMPANY. *The art of Japanese Garden*. São Francisco, CA: 2000. Disponível em: <<http://www.holymtn.com/garden/JapaneseGardens.htm>> Acesso em: 14/10/2008.

Jardim Japonês - Estilos de Jardim. São Paulo: 2006. Disponível em: <http://www.jardineiro.net/br/artigos/jardim_japones.php> Acessado em 08/10/2007.

MARQUES, Pedro Ferreira Perrenoud. *Jardins Japoneses: Nihonteien (Parte 2)*. Centro de Estudos Japoneses/USP. São Paulo. Disponível em: <<http://www.nippobrasil.com.br/2.semanal.culturatradicional/index.shtml>> Acesso em: 24/10/2007.

MASTER GARDEN PRODUCTS. *The Japanese Tea Garden: A Journey of Spirit and Aesthetics*. São Paulo: 2001. Disponível em: <http://mastergardenproducts.com/gardenerscorner/japanese_tea_garden.htm> Acesso em: 14/10/2008

KAWANA, Koichi. *Symbolism*. UCLA Hannah Carter Japanese Garden. Los Angeles, CA, EUA:2005 Disponível em: <<http://www.japanesegarden.ucla.edu/>> Acesso em: 12/10/2007.

KAWANA, Koichi. *Symbolism, & Ethics in Tradicional Japanese Garden*. Califórnia,EUA:2007. Disponível em: <<http://www.thejapanesegarden.com/Garden/Pages/ethetics.html>> Acesso em 10/10/2007.

KAROLESKI, Luciane Miyuki Sakakima. *JAPÃO, onde o paisagismo é uma das mais elevadas formas de arte*. Trabalho didático. Província de Yamanashi, Tóquio.

Disponível em: <<http://www.casaecia.arq.br/JAPAO.HTM>> Acesso em 08/10/2007.

KIRIMURA, Yassuji. Síntese do Budismo. 1ª Edição. São Paulo, Brasil: Editora Brasil Seikyo Ltda.1992

KISHIKAWA, Jorge. Instituto Nitien. Niterói/RJ: 2001. Disponível em: <<http://www.niten.org.br/agenda/2001/junho/chado.htm>> Acesso em: 24/10/2007

OGURA, Chichiro; WOJCICKI, Esther; WRIGHT, Dan. *The art of Japan. Garden - History*. Califórnia: 1999. Disponível em: <<http://librarv.thinkquest.org/27458/nf/gardens/historv.html>> Acessado em:12/10/2007.

OLDS, Clifton C. *Early Japanese Gardens: The Asuka, Nara, and Heian Periods*. Bowdoin College; Massachusetts, EUA: 2007. Disponível em <<http://learn.bowdoin.edu/japanesegardens/gardens/intro/index.html>> Acessado em 08/10/2007.

OLIVEIRA, Cyntia Fuji. *Estudo da influência da cultura japonesa na produção do espaço dos descendentes japoneses na cidade de São Paulo*. Trabalho Final de Graduação (TFG). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. Bauru: 2003

PORTLAND JAPANESE GARDEN. *Japanese Garden – Tea Garden*. Portland, Oregon, EUA. Disponível em: <<http://www.japanesegarden.com/gardens/>>. Acesso em: 24/10/2007.

WIKIPÉDIA, enciclpédia livre. Anno Domini. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Anno_Domini> Acesso em: 30/10/2007.

YOUNG, David. e YOUNG, Michiko. *The Art of Japanese Garden*. Tokyo: 2005. p.118-121.